

De João Teixeira de Faria a “João de Deus”: a construção discursiva de legitimidades e a interdição do discurso de mulheres vítimas de abuso sexual¹

Larissa ROSA²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A exibição do depoimento de 4 mulheres que denunciaram o médium João de Deus por abuso sexual no programa *Conversa com Bial* provocou uma reação em cadeia: apenas cinco dias após o programa ir ao ar na Rede Globo, o Ministério Público de Goiás e a Polícia Civil já haviam registrado mais de 300 denúncias contra o mesmo homem por estupros que vinham sendo cometidos e abafados há décadas. Dez dias depois, 500 denúncias já haviam sido contabilizadas. Com base nisso, este artigo tem como objetivo pensar a violação do corpo feminino enquanto um dos sistemas sociais mais robustos – que tem no silêncio o seu principal mecanismo de perpetuação – a partir do mapeamento e da análise de discursos midiáticos que, por um lado, corroboraram para a legitimação de “João de Deus” e, por outro, para a deslegitimação do discurso das mulheres vítimas de abuso sexual.

PALAVRAS-CHAVE: silêncio; análise de discurso; violência contra a mulher; estupro; ethos discursivo.

Introdução

No Brasil e no mundo, movimentos e campanhas feministas da história recente vêm apontando cada vez mais para a importância da fala tanto para o processo de cura de mulheres que sofreram violência sexual quanto para a punição de agressores. Isso porque a fala tem potencial de romper longos silêncios que alimentam a impunidade e permitem a normalização de abusos sexuais. É o caso de movimentos que se transformaram em hashtags como o #MeToo, nos Estados Unidos, e o #MeuPrimeiroAssédio, aqui no Brasil, exemplos de momentos em que mulheres usaram as redes sociais para reunir relatos de abusos – que, em muitos casos, estavam sendo externalizados pela primeira vez após muitos anos do ocorrido – e trazer visibilidade para a questão.

No que diz respeito especificamente à realidade brasileira, é possível notar, também, abordagens positivas da dicotomia entre a fala e o silêncio em casos de violência

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP com bolsa CNPq, e-mail: larissarosa@usp.br

contra a mulher por parte de órgãos públicos a fim de incentivar as vítimas a formalizarem denúncias e saírem de situações de abuso. A criação da primeira delegacia da mulher em 1985 e a ampliação do atendimento por meio da construção de unidades em todas as regiões brasileiras, por exemplo, são grandes sinalizadoras disso. Entre tantas iniciativas que vêm surgindo, acho interessante mencionar um projeto específico que é bastante simbólico no sentido de trabalhar o silêncio e a fala: o “Mãos Empenhadas com a Violência”, que surgiu no Mato Grosso do Sul, se expandiu para o Pará, Piauí e São Paulo, capacita cabeleireiros e outros profissionais para ajudar mulheres que estejam sofrendo algum tipo de violência. Isso porque o salão de beleza é um ambiente propício para as mulheres se abrirem e compartilharem partes íntimas de suas vidas, ainda que despreziosamente, e, dessa forma, é crucial que o profissional que entra em contato com histórias de violência saiba como auxiliar a vítima.

Ainda que significativas mudanças e reflexões sejam perceptíveis no sentido da busca pelo rompimento do silêncio de vítimas de violência sexual, tanto por parte da sociedade civil quanto do poder público, a persistência da violação do corpo feminino na sociedade brasileira e a subnotificação de casos demonstram que o problema ainda está longe de ter se esgotado. Sobre isso, no Atlas da Violência de 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), consta:

Em 2016, foram registrados nas polícias brasileiras 49.497 casos de estupro, conforme informações disponibilizadas no 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (tabela 6.5). Nesse mesmo ano, no Sistema Único de Saúde foram registrados 22.918 incidentes dessa natureza, o que representa aproximadamente a metade dos casos notificados à polícia. Certamente, **as duas bases de informações possuem uma grande subnotificação e não dão conta da dimensão do problema, tendo em vista o tabu engendrado pela ideologia patriarcal, que faz com que as vítimas, em sua grande maioria, não reportem a qualquer autoridade o crime sofrido.** Para colocar a questão sob uma perspectiva internacional, nos Estados Unidos, apenas 15% do total dos estupros são reportados à polícia. **Caso a nossa taxa de subnotificação fosse igual à americana, ou, mais crível, girasse em torno de 90%, estaríamos falando de uma prevalência de estupro no Brasil entre 300 mil a 500 mil a cada ano (IPEA, 2018, p. 56).**³

³ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432>.
Acesso em: 28 jun. 2019.

Tendo em mente este cenário que, apesar de em vias de transformações, é ainda alarmante, este trabalho surge da importante relação entre os estudos das Ciências da Linguagem e da Comunicação e o problema do estupro no Brasil. Uma vez assumido que o silêncio funciona como um dos principais mecanismos de manutenção do sistema que normaliza a violação do corpo feminino, cabe à área de estudos na qual estou inserida a investigação dos meios de interdição do discurso das vítimas de violência sexual, por um lado, e, por outro, os meios de legitimação do discurso de agressores.

Para este artigo, selecionei um caso que julgo exemplar na história recente do Brasil sobre a construção e o rompimento de silêncios sobre o estupro. No dia 07 de dezembro de 2018, o programa *Conversa com Bial*, da *Rede Globo*, exibiu com ineditismo depoimentos de mulheres que, ao buscarem tratamento espiritual na Casa de Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia, Goiás, foram abusadas sexualmente pelo médium João Teixeira de Faria, conhecido como “João de Deus”. A exibição do depoimento de 4 mulheres provocou uma reação em cadeia: apenas cinco dias após o programa ir ao ar na Rede Globo, o Ministério Público de Goiás e a Polícia Civil já haviam registrado mais de 300 denúncias contra o mesmo homem por estupros que vinham sendo cometidos e abafados há décadas. Dez dias depois, 500 denúncias já haviam sido contabilizadas. Com base nisso, foram selecionados programas e entrevistas de televisão sobre o médium anos antes da explosão de denúncias a fim de analisar a construção da legitimidade de sua pessoa e de seu trabalho. A análise se dá, sobretudo, pela confluência entre autores da *Análise do Discurso* e autoras que pensaram e pensam a condição feminina.

No caso da construção discursiva da imagem de João de Deus, é vasto o material midiático que poderia servir como base para a análise. A Casa de Dom Inácio de Loyola foi fundada pelo médium em 1976, há 43 anos, em Abadiânia (GO). Em todo esse tempo, a Casa atraiu a atenção não só de fiéis do mundo todo, mas também de jornalistas. São muitas as matérias veiculadas a telejornais, jornais impressos, revistas etc. – tanto no Brasil quanto em outros países –, uma vez que todo o misticismo envolvido provoca curiosidade e mobiliza o interesse público. Após a análise de parte desse material, selecionei como exemplar sobre a construção discursiva da legitimidade de João de Deus o envolvimento da apresentadora norte-americana Oprah Winfrey com a pauta: primeiro, em um episódio de 2010 do já extinto “*The Oprah Winfrey Show*” sobre a Casa Dom Inácio de Loyola e, depois, em 2012, com a visita da própria Oprah à Abadiânia.

O ethos na Análise de Discurso

As mensagens contidas em um discurso não estão restritas à fala de um enunciador. Permeando tudo aquilo que é dito, temos elementos fundamentais de análise: como é dito, por quem é dito, para quem é dito, onde é dito, quando é dito. Analisar discursos não significa desvendar códigos por trás de palavras, tampouco revelar intenções ocultas. Significa, na verdade, pensar também o contexto no qual um discurso se inscreve, sua relação com a exterioridade – abraçando a ideia de que, muitas vezes, os efeitos da fala extrapolam previsões e transcendem as intenções de quem a enuncia.

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem (Orlandi, 2015, p. 24).

O ethos, noção teórica utilizada neste trabalho, tem origem no pensamento aristotélico. Por isso, está intrinsecamente ligado à retórica, por meio da qual um locutor organiza seu discurso a fim de garantir legitimidade à sua pessoa e à sua fala e, assim, persuadir em prol de seus interesses. Os primórdios do termo remontam a um cenário de disputa conceitual: ao passo que Aristóteles entendia ethos como uma estratégia de projeção de uma imagem de autoridade na fala – não necessariamente condizente com a realidade –, os romanos entendiam ethos como a inscrição da moral e do caráter reais do locutor em seu discurso. Por isso, Amossy (2018, p. 18) lembra que “a noção de ethos é retomada nos manuais de retórica da idade clássica sob a denominação de “caracteres oratórios”:

Distinguimos caracteres oratórios de caracteres reais. Isso não apresenta dificuldades, pois, quer alguém efetivamente honesto, quer seja honesto, quer seja piedoso, religioso, modesto, justo, fácil no convívio com o mundo, ou, ao contrário, quer seja corrompido, [...], aqui está o que chamamos caracteres reais. Mas um homem **parecer** isso ou aquilo **pelo** discurso, isso se chama *caracteres oratórios*, quer ele seja tal como pareça ser, quer pareça mesmo sem o ser. Pois pode-se mostrar algo sem sê-lo; e pode-se não parecer tal, e ainda assim o ser; pois isso depende da *maneira como se fala* (LE GUERN, 1997, p. 284 apud AMOSSY, 2018, p. 18).

As reformulações da noção de ethos estão presentes em áreas como as ciências da linguagem, as teorias da argumentação contemporâneas, a teoria da narrativa e os estudos culturais – cada um desses campos traz o conceito de forma coerente a seus paradigmas e em consonância com seus objetos de estudo. Especificamente para a Análise de Discurso, Dominique Maingueneau escreve que “além da persuasão por argumentos, a noção de ethos permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2018, p. 69).

Para analisar a construção da legitimidade de João de Deus, a noção de ethos é retomada aqui como um aporte teórico, sob a ótica da Análise de Discurso, na tarefa de explorar a seguinte questão: como João Teixeira de Faria, um homem comum, se tornou João de Deus, um médium internacionalmente conhecido pelo seu poder de cura? Não é o caso de explorar sua trajetória individual, mas a construção discursiva que permitiu sua passagem do ordinário para o extraordinário, conferindo legitimidade a seu trabalho. Na impossibilidade de abarcar tudo o que foi dito sobre o médium em 43 anos de atividade na Casa Dom Inácio de Loyola, o episódio de “The Oprah Winfrey Show” foi escolhido, sobretudo, por se tratar de um programa de grande influência não só sobre o estilo de vida norte-americano, mas de grande parte do Ocidente. A nós, neste artigo, cabe pensar que

a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. Ao mesmo tempo, o ethos está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala (AMOSSY, 2018, p. 17).

De João Teixeira de Faria a “João de Deus”: a construção discursiva de legitimidades

Com menos de 19 mil habitantes, Abadiânia recebe até 10 mil pessoas que vão em busca de atendimento espiritual por mês – em sua maioria, estrangeiros. Em dezembro de 2010, foi exibida uma reportagem no programa norte-americano “The Oprah Winfrey Show”⁴ sobre os atendimentos realizados por João de Deus. Para apresentar o assunto aos telespectadores, Oprah disse sobre o nome “João de Deus”: “It’s not a name he calls himself, it’s a name that people has given to him”.⁵ Introduzir dessa maneira um homem que carrega “Deus” no nome é bastante potente. Bem como um slogan, o nome traz a mensagem da proximidade entre João e Deus, quase como se fossem uma mesma figura. Ao dizer que o nome foi atribuído a ele pelas pessoas, e não algo que ele mesmo trouxe para si, a imagem construída é a de um homem que recebeu algo que não necessariamente pediu, mas aceitou, como alguém que é *abençoado com um dom divino*. João Teixeira de Faria é colocado em uma posição de passividade: foi tocado por forças sagradas e teve isso reconhecido naturalmente pelas pessoas ao redor até se tornar internacionalmente conhecido como João de Deus. As coisas aconteceram a ele, simplesmente. Dessa forma, além do lugar sagrado em que é colocado, o médium encontra-se também em uma posição de *humildade* – virtude esperada sobretudo de líderes religiosos.

Na reportagem analisada, a apresentadora recebeu no estúdio a jornalista Susan Casey, editora-chefe da *O Magazine*, e o psiquiatra Jeff Rediger, da Faculdade de Medicina de Harvard, que estiveram em Abadiânia para conhecer de perto o trabalho realizado na Casa de Dom Inácio de Loyola. Cada um deles, de acordo com o trabalho que realiza, deu uma abordagem àquilo que experienciaram. Ao passo que Casey escreveu uma reportagem para a revista em que trabalha sobre o poder de cura de João de Deus, Rediger analisou fichas médicas de pessoas atendidas pelo médium, antes e depois do atendimento, e acompanhou cirurgias físicas a fim de entender os acontecimentos pelo viés científico.

O relato de Rediger é particularmente interessante no sentido de evidenciar a legitimidade que João de Deus atingiu, nacional e internacionalmente, enquanto médium.

⁴ Parte 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bzoMiwZYyXk>>. Acesso em: 23 abr. 2019.
Parte 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6wmpZsy3IKI>>. Acesso em: 23 abr. 2019.
Parte 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqLpBXZo_6M>. Acesso em: 23 abr. 2019.

⁵ Em tradução livre: “Não é um nome que ele se deu, é um nome que as pessoas atribuíram a ele”.

Uma vez que, enquanto psiquiatra, Rediger está inserido no campo científico e afastado do campo religioso, tudo aquilo que ele narra sobre a experiência aparece como se com um atestado de *imparcialidade*. Rediger é trazido ao programa como uma *figura de autoridade*. Ele afirma diversas vezes que não entende nos termos da ciência aquilo que viu acontecer em Abadiânia – cirurgias físicas realizadas sem esterilização de instrumentos e com baixo índice de infecção pós-cirúrgica; cirurgias físicas sem anestésias e relatos de fiéis sobre pouca ou nenhuma dor durante o procedimento – e que a experiência foi divisora de águas em suas pesquisas sobre o tratamento de doenças. Nas gravações realizadas em Abadiânia e exibidas no programa, o psiquiatra chega a afirmar sobre seu propósito na viagem: “Queremos ver se a cura é verdadeira. Se for, isso vai destruir a minha visão de mundo, pois isso significa que há acontecimentos que eu não sei explicar”. Depois, enquanto é entrevistado por Oprah no estúdio, Rediger diz: “Aquilo mudou minha vida, mas ainda não compreendo. Aquilo deve ter sido há sete anos, mas ainda não entendo (...). Nada parecido tinha acontecido na minha vida. Eu fui à escola, fiz medicina e residência em psiquiatria. Nada havia me preparado para aquilo”.

Além desses dois convidados, a parte de mais de meia hora dedicada a João de Deus no programa “The Oprah Winfrey Show” em 2010 também recebeu no palco algumas pessoas atendidas pelo médium. Uma delas foi uma mulher que viajou da África do Sul até o Brasil buscando a cura para um câncer de mama. Ela foi submetida a uma cirurgia física (via nasal) e, depois, constatou que o tumor permanecia o mesmo, maligno. À época do programa, anos depois da visita à Abadiânia, o câncer já havia se espalhado agressivamente e a mulher avaliava que, mesmo não tendo recebido a cura física que procurava, recebera algum tipo de cura emocional no sentido de obter uma nova perspectiva sobre a vida e o seu valor. “Eu nunca gostei de mim como ser humano, eu me punia demais. **Parte do motivo pelo qual talvez eu não tenha sido curada por João de Deus tenha sido minha obsessão com os resultados.** Algumas pessoas precisam de mais do que uma lição para acordar na vida. Eu compreendo mais as coisas hoje, eu priorizei a cura emocional”. A parte em negrito na fala transcrita por mim é uma especulação da própria mulher sobre a razão que pode tê-la levado a não obter a cura física que buscava em Abadiânia: para ela, isso se deve à própria obsessão com os resultados e em nenhum momento é colocada em xeque a capacidade de cura real do médium.

O programa também recebeu Ernie Chu, um homem que, em 2002, foi até Abadiânia e teve um tumor enorme – “do tamanho de um ovo” – removido das costas

sem anestesia. Antes de o homem entrar no estúdio para ser entrevistado, sua história é introduzida e uma questão é lançada aos telespectadores: “Ele está curado ou foi tudo uma farsa?”. Depois, quando ele já está no sofá, ao lado de Oprah Winfrey, contando sua história, são exibidas imagens da cirurgia sendo realizada. A produção do programa afirma ter conversado com o médico de Chu: o profissional confirmou a existência de um tumor que, depois da cirurgia em Abadiânia, passou a não existir mais no corpo do paciente. Ainda que a dicotomia entre a cura e a farsa não seja retomada explicitamente, toda a construção narrativa aponta para uma única resposta possível à pergunta lançada anteriormente: mesmo que a medicina não possa explicar o que aconteceu, Chu foi curado em uma cirurgia física realizada sem qualquer cuidado (anestesia, esterilização etc.) por um médium sem formação médica. Ou seja, não se trata de uma farsa: João de Deus é um *provedor de milagres*.

O programa é encerrado com a leitura de um texto do psiquiatra Jeff Rediger, de conteúdo bastante emotivo, redigido após sua experiência de campo em Abadiânia: “Talvez o coração verdadeiro dentro de nós não seja apenas uma bomba. Talvez ele esteja ligado ao amor e à fé. Talvez o corpo físico não seja quem nós somos. Talvez sejamos almas invisíveis andando por aí e o corpo seja apenas um instrumento, uma metáfora, ou algo que estejamos tentando aprender”.

O silêncio não é sempre ausência como espera o senso comum sobre a palavra. Ele o é, claro. Mesmo no caso das vítimas de João de Deus, estamos falando de décadas de ausência de fala, uma vez que a maior parte dessas mulheres não prestou queixa ou foi a público sobre os abusos sofridos. Mas, por outro lado, estamos falando sobre presença quando falamos sobre silêncio. A construção discursiva da imagem de um líder religioso capaz de curar doenças terríveis, cujo trabalho atrai pessoas de todas as regiões do Brasil e também de outros países, é presença. E, quando associada ao medo de retaliação – física e espiritual – que muitas mulheres apontaram como empecilho para a denúncia, é também silêncio. Uma vez que sentem medo em função do prestígio que o agressor possui, o silêncio reside também na presença das construções discursivas que mitificam homens, seja na religião, na política, na história, no cinema ou em qualquer outra área.

Aqui, trato de um caso que inevitavelmente envolve a religião e as suas especificidades no sentido da blindagem de um abusador de mulheres. E não são poucos os líderes de diversas vertentes religiosas acusados de crimes sexuais. No Brasil, temos

casos famosos como o de Prem Baba,⁶ líder espiritual paulista seguido por celebridades e acusado de abusar sexualmente de duas seguidoras. Recentemente, em fevereiro de 2019, o Papa Francisco veio a público e reconheceu a existência de uma ordem religiosa da Igreja Católica na França em que as freiras eram usadas como escravas sexuais por padres da congregação.⁷ Como é sabido, o peso de ocorrências de abuso sexual é algo que o catolicismo carrega em seus ombros há séculos, mas está longe de carregá-lo sozinho no âmbito das religiões.

Ao longo da história, não nos faltam exemplos de homens que, protegidos por ocuparem outras tantas posições de poder que lhes garantiam legitimidade social, violaram o corpo feminino. É o caso de importantes eventos que, por terem sido registrados de forma quase mítica nos livros de história, desautorizam relatos posteriores de mulheres vítimas de violência sexual.

Histórias de abuso sexual em meio a guerras e períodos revolucionários, por exemplo, nunca foram sequer notas de rodapé nos livros de história tradicionais. Provavelmente muitas dessas histórias ainda são desconhecidas. Outras foram trazidas, em sua maior parte, por mulheres que se debruçaram na investigação e escrita sobre o tema. É o caso do livro-reportagem “Coluna Prestes: o avesso da lenda”, da jornalista Eliane Brum, que trouxe relatos de estupros cometidos pelos soldados da marcha político-militar nas diversas regiões brasileiras pelas quais passaram. Histórias sobre o medo e a ameaça iminente da violação do corpo feminino também estão presentes no vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 2015, “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksievitch, que faz uma revisão histórica sobre a participação de pelo menos um milhão de mulheres russas na Segunda Guerra Mundial, e no livro “Life and words: Violence and the descent into the ordinary”, obra na qual a antropóloga Veena Das trata sobre as histórias recorrentes de rapto de violação de mulheres durante a Partição, na Índia.

Trazer esses exemplos, bem como a descrição do episódio sobre João de Deus no programa da Oprah, tem como propósito apontar para a importância da construção de legitimidades para se pensar o padrão que muitos casos de abuso sexual seguem. O “The Oprah Winfrey Show”, produzido e apresentado pela própria Oprah, foi um talk-show

⁶ “Quem é o guru brasileiro Prem Baba, acusado de abuso sexual”. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/01/Quem-%C3%A9-o-guru-brasileiro-Prem-Baba-acusado-de-abuso-sexual>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

⁷ “Abusos, anorexia, suicídios: a ordem religiosa em que freiras eram escravas sexuais na França”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47152183>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

norte-americano, mundialmente conhecido, exibido por 25 anos (de 1986 até 2011). Em janeiro de 2012, a apresentadora passou a se dedicar a uma emissora própria nos Estados Unidos, a Oprah Winfrey Network (OWN). No mês de março do mesmo ano, viajou até o Brasil para entrevistar João de Deus na Casa Dom Inácio de Loyola.⁸ Ou seja, mais de um ano após a exibição da reportagem – descrita neste capítulo – em seu antigo programa, a apresentadora decidiu ir, ela mesma, até Abadiânia para conhecer o médium e o trabalho espiritual realizado (**Figura 1**). É de se imaginar que a visita teve grande repercussão no Brasil, sendo amplamente divulgada pela imprensa e comentada pela população.



Figura 1: Oprah Winfrey entrevista o médium João de Deus em Abadiânia, Goiás, em 2012.
Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/espero-que-a-justica-seja-feita-diz-oprah-sobre-joao-de-deus/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

Após a exibição do programa *Conversa Com Bial* de 07 de dezembro de 2018, quando o Ministério Público começou a receber dezenas de denúncias por dia contra João de Deus, brasileiros se mobilizaram em um movimento online para reivindicar um posicionamento por parte da apresentadora norte-americana. Muitos, inclusive, argumentaram que Oprah é uma das responsáveis pela fama internacional do médium. Não pela perspectiva da culpa, mas, justamente pela perspectiva da construção discursiva, aliada ao contexto da relevância midiática que Oprah tem e da influência que exerce no estilo de vida tanto de americanos quanto de outros povos, é possível entender, sim, que

⁸“Foi uma experiência muito forte”, diz Oprah sobre entrevista com médium. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/03/foi-uma-experiencia-muito-forte-diz-oprah-sobre-entrevista-com-medium.html>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

a apresentadora contribuiu para a internacionalização de João de Deus e para a validação de seu trabalho.

Oprah Winfrey foi uma das fundadoras do movimento Time's Up, criado após sucessivas denúncias no universo do entretenimento contra nomes fortes como o de Harvey Weinstein, Kevin Spacey e Bryan Singer, a fim de combater o abuso e assédio sexual nessa indústria. Recentemente, no Globo de Ouro de janeiro de 2018, fez um discurso potente sobre vítimas de crimes sexuais e causou bastante repercussão. Começou a fala de pouco mais de cinco minutos dizendo: “Contar a verdade é a ferramenta mais poderosa que temos e eu estou orgulhosa e inspirada por todas as mulheres que se sentiram fortes para compartilhar histórias pessoais. Cada uma de nós nessa sala está de parabéns pelas histórias que contamos. E, este ano, nós nos tornamos história. Mas não é apenas uma história que afeta a indústria do entretenimento. É aquela que transcende qualquer cultura, geografia, raça, religião, política ou local de trabalho (...)”.⁹

Justamente por conta de seu alcance e de sua participação ativa em causas sociais, especialmente de direitos das mulheres, seu contato com o médium João de Deus causou grande mal-estar e mobilização popular logo após as primeiras denúncias no programa *Conversa Com Bial*. Com isso, tanto a entrevista realizada quanto o relato da visita presentes em seu site – “Lágrimas de gratidão começaram a correr. Gratidão por toda a jornada da minha vida, não só o que tinha dado certo, mas também as coisas que tinham dado errado. Tive uma incrível sensação de paz” – foram retirados do site e do canal do Youtube oficiais (**Figura 2**).¹⁰ Em nota, o posicionamento oficial de Oprah foi de empatia pelas mulheres que estão se apresentando e desejo de que a justiça seja feita.

⁹ Discurso de Oprah Winfrey no Globo de Ouro de 2008. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=nIOVquKPUMU>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

¹⁰ Oprah tira do ar entrevista com João de Deus após acusações de abuso. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/entretenimento/oprah-tira-do-ar-entrevista-com-joao-de-deus-apos-acusacoes-de-abuso/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

A instabilidade emocional como tática de interdição do discurso da mulher

A construção da legitimidade de João de Deus, marcada principalmente pela passagem do ordinário para o extraordinário, foi fator decisivo para o silenciamento de vítimas que resultou em tantos anos de impunidade que o médium gozou. Para além disso, o silêncio por parte das vítimas também decorre de outros meios. Um deles, certamente um dos mais comuns em casos de violência contra a mulher, é a interdição do discurso da vítima por meio de questionamentos sobre o seu equilíbrio psicológico. Uma das convidadas do programa *Conversa com Bial*, a guia de turismo espiritual Amy Biank, afirmou durante o programa que “os guias turísticos que levavam as pessoas lá sabiam, mas não queriam saber. (...) Eles costumavam dizer que mulheres loucas ou instáveis faziam acusações”.

Em *Calibã e a bruxa*, Silvia Federici, pesquisadora italiana que vive nos Estados Unidos, estuda a transição do feudalismo para o capitalismo e o quanto a caça às bruxas foi estruturante para a formação do sistema capitalista. Para a autora, é significativo que esse período histórico, o da caça às bruxas, apareça raramente nos livros históricos e seja um dos fenômenos menos estudados da história europeia, ou mesmo mundial. A hipótese trazida para explicar essa negligência por parte dos historiadores é o fato de a maior parte das vítimas, na Europa, ter sido mulheres camponesas.

Parte da estratégia desse apagamento histórico foi o desprezo ou a mitificação desse tipo de perseguição: “A eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore” (2004, p. 294). Por outro lado, houve um esforço por parte dos estudiosos da caça às bruxas (que no passado eram quase exclusivamente homens) para retratar as mulheres perseguidas de forma a questionar de suas faculdades mentais: “Desta maneira, sua perseguição poderia ser explicada como um processo de ‘terapia social’, que serviu para reforçar a coesão amistosa, ou poderia ser descrita em termos médicos como ‘pânico’, ‘loucura’, ‘epidemia’, todas caracterizações que tiram a culpa dos caçadores das bruxas e despolitizam seus crimes” (2004, p. 294).

Historicamente, a associação entre o descompasso emocional e a condição feminina é profunda e não se resume ao período da caça as bruxas, ainda que ele seja simbólico nesse sentido. A medicina antiga acreditava que a histeria era uma psicose

que acometia especificamente as mulheres. Hystéra é o grego para “útero”, o que explica a etimologia da palavra histeria: sugere que o descontrole emocional nasce e se desenvolve no órgão que compõe exclusivamente a anatomia feminina. Ou seja, que é intrínseco e particular às mulheres.

A representação da mulher como louca aparece ora manipulação psicológica para que ela mesma acredite nessa suposta condição, ora manipulação para que aqueles ao seu redor acreditem nessa suposta condição. É dessa forma que a ação e a fala de muitas mulheres já foi interditada no decorrer da história e a divisão sexual entre espaços público e privado foi reiterada por uma suposta incapacidade emocional das mulheres de estarem à frente de decisões políticas ou, no caso que concerne ao trabalho aqui apresentado, de fazerem acusações de abuso sexual.

Em sua obra, o filósofo Michel Foucault destaca três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. A segregação da loucura enquanto sistema de exclusão do discurso se relaciona diretamente com a história da condição feminina.

Desde a alta Idade Média, **o louco é aquele cujo discurso não pode circular com o dos outros**: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 1996, p. 10, grifo nosso).

Para além da fala sobre a instabilidade emocional das mulheres que denunciavam João de Deus da guia de turismo espiritual Amy Biank, a única entrevista concedida pelo médium depois de sua prisão também apresenta fortes marcas desse tipo de deslegitimação do discurso das vítimas. Na entrevista concedida por escrito à revista *Veja* e publicada no dia 08 de março de 2019, João de Deus fala sobre as acusações que recebeu da filha, que o acusou de espancá-la e abusá-la sexualmente dos 11 aos 14 anos. Ele diz: “Ela tem um histórico de **internações** e, no passado, antes dessa onda de acusações, já se desculpou pelo que disse. Agora voltou a falar, mas **não merece fé**”. O questionamento da denúncia se dá diretamente pelas vias da acusação de loucura.

No caso das demais vítimas que o acusaram de abuso sexual durante atendimentos espirituais, João de Deus diz que “Acho inacreditável que uma pessoa que se sinta violentada volte outras vezes para ser atendida. Não faz sentido”. Das quatro vítimas cujos

depoimentos foram exibidos no programa *Conversa com Bial*, duas delas afirmaram terem voltado para serem atendidas novamente depois do primeiro abuso, quando foram abusadas outras vezes. Nessa fala, o questionamento sobre a sanidade das mulheres não é tão explícito quanto na fala anterior, já que não envolve, por exemplo, a questão da internação psiquiátrica. Ao dizer que é “inacreditável” e que “não faz sentido”, João de Deus está colocando interrogações sobre a coerência do comportamento das vítimas e, dessa forma, sobre a veracidade das denúncias.

Considerações finais

A partir de estudos discursivos ligados à Análise de Discurso e à construção do ethos, foi possível construir relações entre a interdição do discurso e o silenciamento de vítimas de abuso sexual e a história da condição feminina, trazendo ideias como a manipulação psicológica de mulheres por meio da acusação de instabilidade emocional que deslegitima suas falas.

Por um lado, na análise do programa da Oprah identificou-se um caso exemplar sobre a construção da legitimidade de João de Deus por meio da consolidação da imagem de curador e provedor de milagres. Por outro, a análise de dois trechos da entrevista concedida pelo próprio João de Deus após sua prisão sinalizou para a tentativa de interditar o discurso das mulheres que o acusam fazendo com que as acusações parecessem incoerentes, sobretudo pelo fato de algumas das vítimas terem voltado para outros atendimentos depois do primeiro abuso.

Tanto a questão da construção da legitimidade que por décadas blindou João de Deus de ter seu trabalho abalado por denúncias de abuso quanto a questão da interdição da fala de mulheres trabalham em conjunto. Esses dois pontos confluem para uma mesma questão, trazida desde a introdução deste trabalho: o fato de o silêncio possibilitar que a violação do corpo feminino seja naturalizada e situações de abuso sexual se perpetuem por anos sem que os agressores sejam punidos e, muitas vezes, sem que as próprias mulheres se deem conta de que estavam passando por algum tipo de violação. Reside na fala e na comunicação, portanto, a grande potência de rompimento desse sistema.

REFERÊNCIAS

ALEXIJEVICH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. Editora Contexto: São Paulo, 2018.

BRUM, Eliane. **Coluna Prestes: o avesso da lenda**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. São Paulo: Pontes Editores, 1999.

DAS, Veena. **Life and words: violence and the descent into the ordinary**. California: University of California Press, 2007.